

O SENTIMENTO DE (IN)SEGURANÇA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA NA FRANÇA E NO BRASIL

Angela Maria Moreira Martins¹

¹ Doutora em Ciências - Planejamento Urbano, e pós-doutora em Turismo e Desenvolvimento pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.

RÉSUMÉ

Cet article a eu comme but de définir quelques considerations sur la vision de la sécurité appliquée à un lieu, c'est-à-dire en regardant sa dimension dans l'espace. En France, ce débat a pris des proportions importantes qui peuvent contribuer à l'évolution de ce thème, dans la mesure où la prévention situationnelle est utilisée dans les endroits où se pratiquent des petits délits, soit l'incivilité. Elle aborde un petit historique de ces idées dans ce pays et une de ses applications. Ainsi, la Cité-Jardin de la Butte Rouge (Hauts de Seine) de style art-déco, a été choisie comme étude de cas. Elle est considérée comme le plus important patrimoine Français préservé, des années 30 et a eu son processus de requalification urbaine selon ces nouvelles considérations.

Inicialmente devemos olhar o lugar da segurança no mundo atual. Na era global, e, principalmente, depois de 11 de setembro de 2001, ela assumiu uma importância capital em nossas vidas.

Entretanto essa questão é antiga, embora, desde os anos 80, ela passe a ter uma importância mais evidente. Achamos referências a ela nas principais leis e nas Constituições dos países. Mesmo a *Carta dos Direitos do Homem e do Cidadão* honra-a com dois de seus artigos:

- O Artigo 2, que diz: "O alvo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do Homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência a opressão", e

- O Artigo 12: "A garantia dos direitos do Homem e do Cidadão necessita uma força pública: esta força pública é instituída para vantagem de todos e não para a utilidade particular daqueles a quem ela é confiada".

A França mudou a sua fei de orientação e de programação da segurança no dia 21 janeiro de 1995. No seu artigo 1, o país definiu a segurança como "um direito fundamental e uma das condições

do exercício das liberdades individuais e coletivas. O Estado tem o dever de assumir a segurança, tomando conta de todo o território da República, a defesa das instituições e dos interesses nacionais, o respeito as leis, o mantimento da paz e da ordem publica, a proteção das pessoas e dos bens".

O Sr. Pasqua, então Ministro do Interior e da Organização do Território, exprime-se assim: "são as liberdades que são ameaçadas quando, em certos bairros, a exclusão social ligada a uma urbanização inadaptada, a uma progressão do desemprego, a segregação social e o aumento da delinqüência, gera uma espiral de declínio e a criação de novos guetos urbanos. São as liberdades que estão ameaçadas, em todos os lugares onde existem zonas de não direito..."²

MAS O QUE É A (IN) SEGURANÇA?

O *Petit Robert* define a palavra segurança como "o estado de espírito daquele que se acha fora do alcance do perigo".

Midol atualiza essa idéia, definindo o estado de

² MATHIEU, J-L. *L'insécurité*. Paris, PUF, Collections Que sais-je? (1995, p. 13).

³ MIDOL, A. *Le recours à la technologie dans la sécurité privée*. In *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure*, no. 121, Paris, IHESI (1995).

segurança como o resultado de disposições que os indivíduos tomam sós, ou em grupos, para prevenir comportamentos abusivos. Neste caso, a polícia passa a ser um dos recursos para manter a segurança da pessoas e dos bens.

Nesta óptica, "as pessoas e seu ambiente social próximo (família, coletividade, empresa, etc.) são os primeiros a garantir a própria segurança. O estado intervém através de suas instituições para garantir uma segurança mínima para todos e também a legalidade dos dispositivos adotados por cada um para se proteger"³.



Fotografia: AMMMartins, 2000

La Butte Rouge.
Cidade jardim em Art Déco, tombada pelo patrimônio histórico francês.

Para que os moradores aprimorassem o sentido de pertencimento ao local, pequenos lotes de terras foram doados a eles para o cultivo de horta e/ou flores. Com isso eles mesmos passaram a vigiar os espaços, cooperando para uma maior segurança da área e reativando um antigo hábito dos suburbanos parisienses.



Fotografia: LEAL, C. e PETERLE, J. 2002

Bairro da Água Santa, subúrbio do Rio de Janeiro.
Atrás das grades fica a habitação.

Assim, a segurança passa a pertencer ao conjunto de atores sociais envolvidos: aos agressores, aos criminosos, à população, ao estado, que coloca em prática os dispositivos de segurança, as leis, as instituições e, por fim, a mídia que divulga as ações dos outros atores.

De fato, podemos sentir a insegurança e reagir segundo diferentes pontos de vista. Dois são particularmente importantes: o daquele que vai agredir e o daquele que sente a agressão ou a possibilidade de ser agredido. Isso quer dizer que existe uma parte psíquica que não pode ser negligenciada nesse domínio.

Novas e importantes descobertas concernentes a esse sentimento demonstram que de fato “existe um processo de leitura do mundo circunvizinho. Nós as encontraremos nos autores de crimes como a síndrome de emoções cristalizadas (medo, raiva, ciúme, terror)”. O sentimento de insegurança é um modo pessoal de interpretação do mundo das pessoas, segundo M.S. Roche⁴.

Qualquer um pode sentir uma tal sensação pois, “ela se apóia sobre o mundo da vivência dos indivíduos, referendando-se em seus sistemas de valores. Nós devemos compreender sua definição, mais no sentido clínico da angústia, quer dizer, um estado de inquietação estável fora dos acontecimentos que a provocaram”⁵. Ou seja, nós não precisamos ser agredidos para sentir esta sensação de insegurança a respeito do mundo. Também, “tem um papel importante no sentimento de insegurança o fato de que inúmeros delitos ficaram impunes, o que dá a muitos cidadãos, o sentimento de ter pouco a esperar das forças públicas encarregadas da segurança (polícia e justiça)”⁶.

Essa sensação é naturalmente intensificada quando já passamos por vítimas, conhecemos alguém que passou por esse estado, ou pela maneira como a mídia conta esses fatos. Geralmente, essa sensação de insegurança se acentua mais quando as pessoas se sentem mais vulneráveis física ou socialmente, como é o caso das mulheres, das pessoas idosas, dos solitários, das jovens mães solteiras, dos mais desfavorecidos, quer dizer, dos sem teto, dos sem terra e da parte da população sem nenhuma renda.

Hoje em dia, entretanto, o sentimento de insegurança toca muitas camadas sociais. Nós o encontramos tanto nas classes populares, como nas classes médias, particularmente no Brasil, já que esta é a mais visada pelos assaltantes e é, também, aquela que usa a maior quantidade de meios disponíveis para se securizar.

Este sentimento tem muitas causas. O Instituto dos Altos Estudos da Segurança Interna (IHESI) na França aborda as principais⁷:

- A - as mídias que influem sobre a construção deste sentimento;
- B - os problemas socioeconômicos (inclusive a criminalidade);
- C - as “incivildades”;
- D - o meio ambiente, quer dizer:
 - . o quadro construído;
 - . o tamanho da cidade;
 - . o lugar de residência;
 - . o contexto e o meio urbano de modo geral.

Vejamos cada uma delas mais de perto.

O PAPEL DAS MÍDIAS NO SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

As mídias influenciam fortemente a construção do sentimento de insegurança, o *show* do terror fabricado pelos meios de comunicação cria um clima psicológico desfavorável: a insegurança vinda de vários aspectos da vida quotidiana dos moradores dos bairros de nossas cidades. Esse clima, porém, comporta características especiais, porque entra nas casas das pessoas pelas telas, todos os dias, mostrando imagens fortes, impressionantes. Assim, as mídias distorcem as percepções dos indivíduos. Dependendo

⁴ MATHIEU, J-L. *L'insécurité*. Paris, PUF, Collections Que sais-je? (1995, p. 13 - 14).

⁵ IHESI. *Guide Pratique pour les contrats locaux de sécurité*. Paris, La Documentation Française (1998, p. 135).

⁶ MATHIEU, J-L. *Opus cit.*, (p. 15).

⁷ IHESI. *Opus cit.*, (p. 136-7).

⁸ IHESI. Opus cit.,
(p. 137).

⁹ PERALVA, A.
*Démocratie et violence
à Rio de Janeiro In
Problèmes de la
Amérique Latine*, no.
23, Paris,
La Documentation
Française, 1996.

¹⁰ PERALVA, A.
Opus cit.

do local onde estejam, as pessoas podem se sentir mais expostas à violência do que, em realidade, elas realmente estão.

As ameaças expostas pelas mídias, próximas ou distantes, e a impossibilidade de agir contra esta situação, são motivos de uma angústia constante.

As flutuações de inquietação sobre a segurança estão em relação com a existência de fatos, mais ou menos, impressionantes da atualidade. As redes locais de comunicação criam vítimas indiretas. As informações aumentam os medos e o sentimento de ser pessoalmente vulnerável⁸.

O IHESI observa que, para alguns pesquisadores, o sentimento de insegurança pode derivar dos seguintes fatos:

Primeiro: do poder político e das mídias que fabricam os sistemas de representação e os difundem, transformando a relação dos homens com os acontecimentos de sua vida, impondo-lhes um tipo de leitura e de visão - a deles.

Segundo: do fato de que a demanda de securização não precisa mais ser fundada em fatos precisos. Ela se nutre do rumor, e não tem nenhuma preocupação com a verdade de fato. O sentimento de insegurança parece ter então uma vida própria.

Essa violência, entendida como um elemento vivido nas nossas próprias casas, dá medo. A sensação de distância é eliminada pela força das imagens e a sua capacidade de provocar nossas emoções. Esse quadro é válido para todos, ele é uma das conseqüências da globalização dos meios de comunicações, que faz desaparecer o mundo, o país, a região e os bairros, para ver o espaço do outro dentro da nossa própria casa.

No que concerne à cidade do Rio de Janeiro, Peralva mostra que a reelaboração mítica da violência mistura diversos ingredientes: um crescimento real da taxa de criminalidade da violência juvenil, em meio urbano, e a mais espetacular colocação em cena da violência e do medo. Quando se quer realmente analisar essa violência é preciso separar os elementos misturados no cadinho do mito, e de examiná-los separadamente, um por um.

A violência colocada em cena por esta criminalidade e pela juventude pobre da região metropolitana e da cidade, toma formas particulares ali. Antes de colocar em cena os consumidores de bens materiais, a cidade do Rio, pelo meio da juventude pobre, coloca em cena uma multidão de consumidores de imagens⁹.

Não se trata, aqui, somente da televisão, mas de todos os meios de comunicação e, deve-se notar, o do meio intelectual, porque a literatura especializada na violência urbana tem um papel importante nesse processo. O conjunto do sistema econômico estrutura a sua relação com o mercado, com a mediação dessa produção de imagens, incentivando o imaginário de cada um.

O Rio ocupa um lugar central nesse processo. A cidade adquiriu, nos anos 70, uma nova centralidade, como sede de um sistema complexo de produção e de difusão de imagens. A. C. Ribeiro, citada por Peralva, sublinha a importância desse período, no que concerne à disseminação em todo o país, de agências de publicidade e de turismo, com tudo o que isso significa como abertura para o mundo.

A violência no Rio é uma combinação de um déficit do Estado, da modernização pelo baixo e pelo alto da sociedade, modernização que sensibilizou particularmente a juventude pobre, e de um mito, que se nutrem reciprocamente. O mito é aquele de um poder ilegal todo poderoso, flutuante acima da cidade¹⁰.

De uma certa maneira as mídias criaram o mito, e são vítimas da sua criação porque, o que define bem a particularidade dos fenômenos de violência urbana que se observam no Rio de Janeiro é, antes de tudo, o seu aspecto espetacular. Tudo isso se explica não só pela insuficiente capacidade dos poderes públicos de manter a segurança interna, mas também pela dramatização constante, que faz com que as relações sociais no Rio aconteçam como dentro de um teatro, o que não é sempre o caso em outras cidades do país, transformando-a na cidade-espetáculo do crime. Essas imagens fixaram-se na memória dos moradores do Rio, assim como no mundo inteiro, dando ao Rio a alcunha de uma cidade violenta, difícil de se viver e de visitar.

OS PROBLEMAS SOCIOECONÔMICOS

Vivemos ainda a crise econômica, com seus efeitos negativos sobre o nível de vida da população. A dispersão dos investimentos de capital no mundo, a procura de lugares mais rentáveis, a grande quantidade de impostos e as fusões de empresas, ajudam a provocar alterações econômicas, a falência de numerosas empresas e o aumento do desemprego.

Essa crise no nível do emprego, o *stress* e a visão sombria do futuro, dela derivados, contribuem para criar o clima de insegurança.

Sobretudo a juventude está revoltada. O número de jovens cresceu e eles não acham trabalho, e não podendo satisfazer as suas necessidades de consumo. A falta de objetivo de vida, de esperança de sucesso, se instala. O único meio de se sair bem - os estudos - torna-se muito difícil e caro, e o fracasso é óbvio. Eles se sentem fora do sistema, algumas vezes abandonados, podendo gerar ódio e violência.



La Butte Rouge.
Cidade jardim em *art déco*, tombada pelo patrimônio histórico francês.
No domingo, os garotos da cidade perambulam sem ter o que fazer,
esperando a finalização do centro de esportes do local.

Essa reação é ainda mais acentuada nos lugares onde se concentra a população que se sente muito marginalizada, que provoca reações de intolerância e de racismo.

A família, a escola, os sindicatos, os partidos políticos, as igrejas não preenchem mais as suas funções tradicionais. A integração na sociedade se opera pelo trabalho e pelo emprego, mas nossa sociedade

¹¹ MATHIEU, J.-L.
L'insécurité. Paris, PUF,
Collection Que sais-je ?,
(1995, p.33).

¹² DUMAZEDIER, J. A.
*Revolução cultural do
tempo livre*. São Paulo,
Studio Nobel (1994).

¹³ Corridas de carro.

não cria empregos suficientes para todos, o que agrava a exclusão de certas categorias de população.

*Muitos delitos estão ligados não somente à fome, mas ao desenvolvimento da sociedade de consumo, baseada numa publicidade tentadora, sobre os efeitos ostentatórios do consumo dos grupos sociais dominantes, que gera desejos não saciados, senão pela violência.*¹¹

As oportunidades de atividades libertadoras, como o esporte, o lazer e o turismo são ainda limitadas em quantidade, e concentradas em determinados pontos do espaço urbano. São poucas as oportunidades de exercerem o que Dumazedier classifica como o tempo social ipsativo, ou seja, um tempo social de si, uma conquista social. Ele não é um tempo psicológico, mas um tempo em que a sociedade, num determinado momento das suas forças produtivas, pode liberar para o sujeito social, fora dos tempos socialmente marcados pela obrigação ou pelo compromisso, e mostrar que esse tempo social de lazer tem, como função maior, permitir todas as formas possíveis da expressão individual ou coletiva de si, para si, independentemente de participação institucional, que o funcionamento utilitário de sociedade impõe.

*O tempo social ipsativo cria para a maioria da população, de todas as faixas etárias e de todos os meios, as condições de uma liberação pessoal mais profunda de sensações, de sentimentos, de desejos, de sonhos antigamente reprimidos, repelidos e, ao mesmo tempo, de uma identificação social mais espontânea, mais renovada, mais passional a grupos de iguais, de torcedores ou fãs; sob formas cotidianas de participação como espectador ou amador.*¹²

Sem muitas oportunidades de expressão, então, transgredir os códigos comportamentais torna-se um jeito de se fazer entender, de reagir, de existir.

Por exemplo, na França, começam a aparecer novos "pegas"¹³ nas estradas e espaços menos densos dos subúrbios. Trata-se de um desejo de velocidade, de romper o aborrecimento da vida, de aventura e de consumo que são presentes. O automóvel torna-se o símbolo de virilidade, modernidade e sucesso, símbolo-ícone das mídias. Esses comportamentos são valorizados pois são mostrados na televisão. Eles revelam também a impotência da polícia frente às ações rápidas que os jovens desenvolvem. Os jovens têm a necessidade de tocar o perigo. Esta atitude provoca graves acidentes, que colocam em risco a vida daqueles que assistem ou deles participam. Esta é também uma forma de violência que pertence às camadas médias da população. De fato, a preparação e a manutenção dos carros para as corridas custam caro. O estado francês se esforça para manter esses jovens ocupados, dando-lhes o gosto do esporte e do lazer. Entretanto, para as camadas menos favorecidas dessa sociedade, o mais importante é ter a possibilidade de sair do lugar de onde estão, é ter sucesso, é poder apresentar uma mobilidade social ascendente. Para os mais favorecidos, o estado coloca à sua disposição lugares específicos para as corridas, onde os desejos de velocidade podem se desenvolver sem danos. Infelizmente, não há lugar para os outros.

Segundo Peralva, os jovens do Rio estão na mesma situação, sobretudo a juventude pobre, cuja exclusão econômica provoca os mesmos sentimentos nos jovens. Eles reagem violentamente à sua maneira:

Primeiro como criminosos, num contexto marcado pelo enfraquecimento da capacidade dos poderes públicos em assumir a segurança interna. Consta-se que uma parte da juventude pobre das favelas foi recrutada pelo tráfico de drogas, transformando as favelas em entrepostos ilegais de cocaína e ervas. Observa-se um rejuvenescimento crescente dos grupos de favelados que se constituem como intermediários dentro de um mercado que eles não controlam.

Segundo, os jovens são afetados pela violência, como vítimas.

Terceiro, os jovens aparecem como atores de formas de violência que são surpreendentes, porque

concerne aqui uma violência expressiva. Elas correspondem mais diretamente a um desejo de se integrar numa sociedade de consumo emergente, e se manifestam, principalmente, de três maneiras diferentes: o *surf* dos trilhos, os bailes *funk* e o arrastão.

¹ PERALVA, A.
Opus cit.

Esses três fenômenos colocam em cena uma juventude pobre em situação de mobilidade social e espacial, e sugada pela sociedade de consumo. Não é a miséria ou a exclusão mas a modernização acelerada da sociedade brasileira, pelo baixo, durante esses últimos anos, que se encontra no âmago deste problema.

No que concerne ao *surf* dos trilhos e aos bailes *funks*, a ação dos jovens fica restritiva aos bairros de moradia, porque não têm mistura social nos trens e nos lugares de bailes, afinal, todos pertencem a mesma categoria de população.

Foi o terceiro caso que sofreu a mais forte repressão por parte da polícia porque, aqui, estamos nos bairros das camadas privilegiadas, fato que provoca uma forte intolerância.

Esses atos, e a sua apropriação pela mídia, associados aos crimes violentos e a fraqueza do corpo da polícia, são as causas principais do sentimento de insegurança nos cariocas.

AS INCIVILIDADES



Fotografia: AMM Martins, 2000

Chegando ao Parque de La Villette, Paris

Outra causa desse sentimento é o que denomina o serviço de segurança francês de incivilidade. Podemos defini-la como todo comportamento contrário às regras habituais da sociabilidade. Ela comporta desde a falta de polidez, até as infrações menores no comportamento social estabelecido, cuja repetição quotidiana torna difícil a vida em sociedade. Podemos reunir, sobre esse termo, os seguintes pontos:

- as faltas cometidas contra as regras de polidez pelas crianças, adolescentes e menores (da simples omissão de dizer bom dia, com licença, obrigado, até a verdadeira grosseria, tais como: escarros, insultos, empurrões, obstruções de passagens de pedestres, gestos obscenos, atitudes ameaçadoras, interpelações grosseiras aos passantes etc.);
- o barulho e os danos sonoros (gritos, portas batidas, aparelhos de som usados com toda potência, motos com tubo de escape barulhento etc.), a toda hora do dia ou da noite;
- o vandalismo (caixas de correio quebradas, automóveis estragados, grafites nos muros).
- os comportamentos inadequados vindo, muitas vezes, de bandos de jovens que ocupam espaços privados ou públicos com comportamento social que destoa do esperado, e que são in-

- terpretados como uma obstrução ou uma ameaça;
- a sujeira e a destruição dos espaços coletivos e bens privados (lixeiras viradas, vidros quebrados etc.);
 - a existência de bêbados nos lugares públicos;
 - a mendicância e os comportamentos ociosos;
 - e, enfim, a vontade de não respeitar as leis do trânsito.

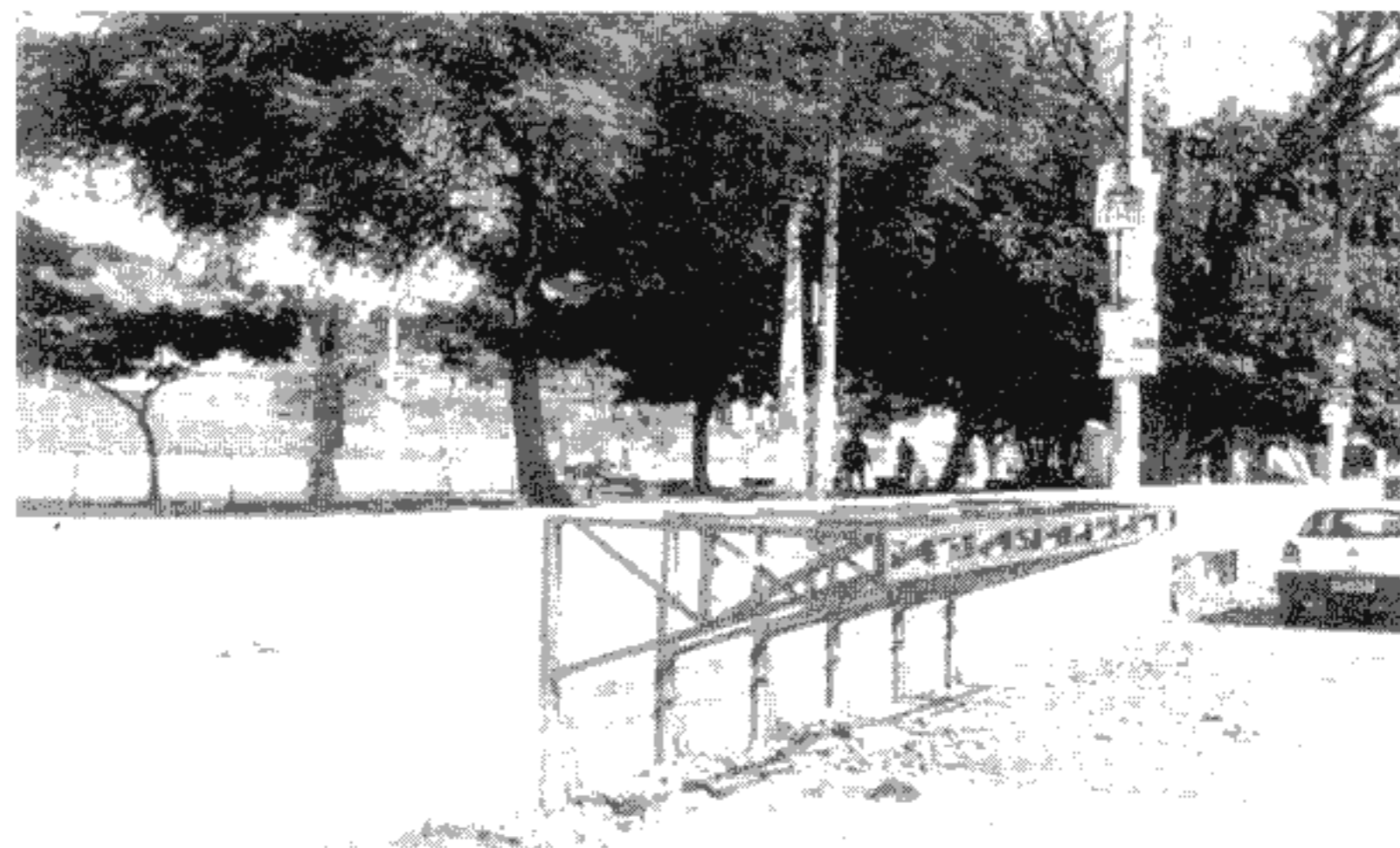


Fotografia: AMMMartins, 2000

Alto do Mirante de Cambuquira, MG.

Vandalismo político, que destruiu toda a iluminação colocada no local logo depois que foi feita.

O impacto desses comportamentos desviantes é tanto mais forte quanto as suas motivações parecem absurdas ou totalmente gratuitas. Esses comportamentos, muitas vezes observados em grupo, acabam perturbando a ordem social ordinária.



Fotografia: Novaes, G., 2002.

Praça dos Ex-combatentes, São Gonçalo, RJ.

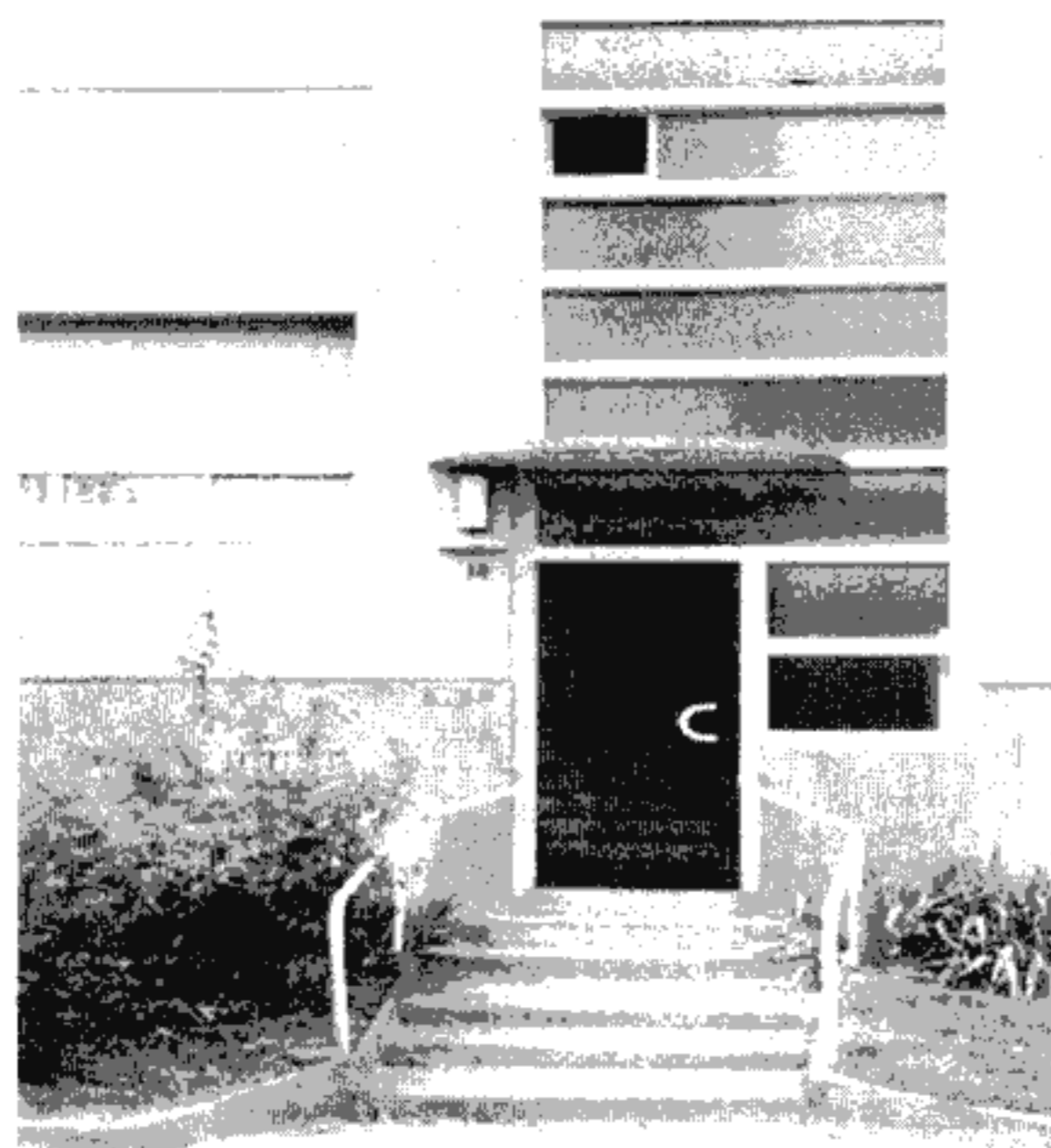
O lixo e os maus tratos tornam a frequência da praça restrita a grupos de adolescentes.

O MEIO AMBIENTE

Outra causa do sentimento de inseguranças nas cidades é o seu próprio meio-ambiente e a forma como ele está estruturado, assim como os usos que ali se exercem. Podemos apresentar como seus itens principais:

a) No ambiente social

- dificuldades de inserção profissional e social de uma parte da população;
- evolução dos modos de vida familiares;
- desaparecimento da vida social organizada durante o dia;
- falta de controle social nas relações de bairro;
- pobreza e marginalidade de certas categorias de população, agravadas por certos fenômenos como a droga, o alcoolismo.



La Butte Rouge.

Cidade jardim em *art déco*, tombada pelo patrimônio histórico francês.

As porta *déco* tiveram que ser removidas, apesar de tombadas pelo patrimônio histórico e substituídas por uma folha de vidro, facilmente quebrada quando a polícia precisa entrar, nova regra de segurança na França para os chamados quarteirões sensíveis.

b) No ambiente físico:

- as condições de habitação, em especial a superpopulação e a segregação, em certos imóveis e/ou bairros da cidade;
- superocupação de uma única unidade habitacional (casa, apartamento);
- as favelas, com altas densidades demográficas e imobiliárias;
- a falta de alguns elementos da infra-estrutura urbana, principalmente da luz, que provoca lugares escuros ou sombrios;
- o tipo de arborização que ajuda a escurecer lugares e/ou a esconder possíveis ladrões;
- a existência de vazios urbanos e/ou áreas verdes, lugares sem animação, onde não seja legível a quem ele pertence legalmente ou socialmente;
- a presença de prédios abandonados, em ruínas ou de edificações sem manutenção;
- a presença de lixo, detritos, atos de vandalismo, grafites;



Grafitas suburbanos do Conjunto Habitacional COFOAB, Itaboraí, RJ.

- má qualidade do habitat urbano, em particular da ausência de cores (alegria) e de paisagismo (flores, plantas).

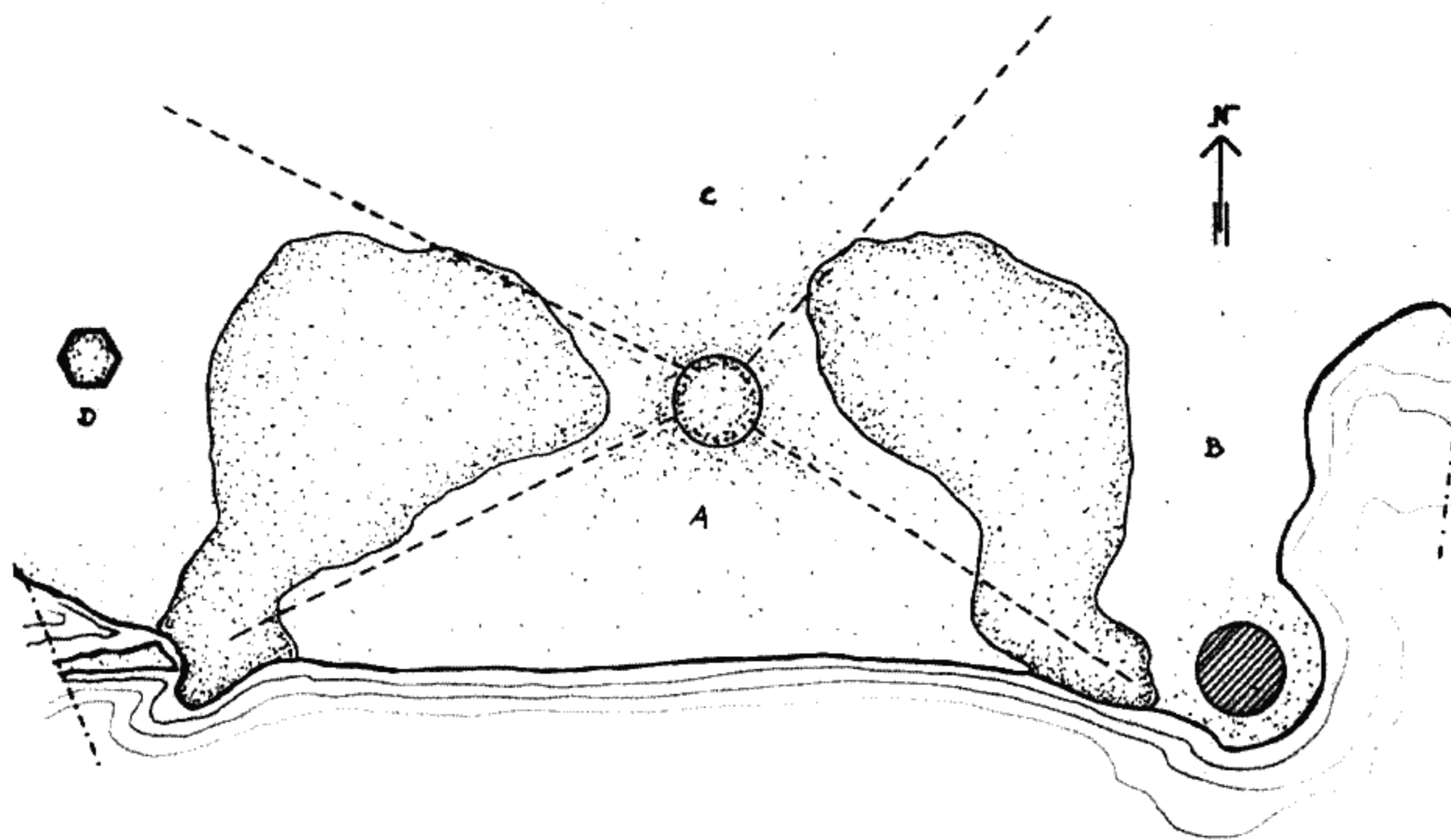
O conjunto das causas traduz uma certa crise social que ultrapassa o quadro estrito de uma política anti-delinquência. É esse conjunto de causas que não só alimenta a delinquência, mas também pode engendrar a loucura, o suicídio, a droga ou o alcoolismo.

Para a França urbana, o elemento mais importante é a pequena delinquência e seus atos de incivilidade, para o Rio de Janeiro podemos afirmar que, além desta, a grande criminalidade tem um papel considerável no clima de insegurança, apesar dos esforços para contê-la.

Todavia, a sociedade brasileira é mais "tolerante" com certas formas de incivilidade tais como o lixo (não que ela tolere o lixo, mas é simplesmente porque o serviço da coleta do lixo da cidade não consegue manter limpos todos os lugares), os barulhos (porque os brasileiros são mais barulhentos, gostam de música, dos cantos, dos tons mais elevados que os franceses e falam mais alto), a mendicância (porque há muitos sem teto e sem renda que vêm morar simplesmente nas ruas dos mais ricos, porque é lá onde, pelo menos, eles podem comer e vestir-se). Todos esses acontecimentos fazem parte do cotidiano das pessoas no Rio. E, apesar do fato de não serem agradáveis, eles são tolerados quase que sem repressão.

A configuração espacial projetada para a cidade do Rio favorece que certas camadas da população fiquem à margem das outras camadas mais favorecidas, que possuem os lugares mais belos, perto das praias ensolaradas, com diversos tipos de atividades de lazer nas redondezas, com os melhores serviços etc. Essa configuração espacial provoca uma forte segregação dos mais pobres porque eles não têm acesso a essa *dolce vita* mostrada na televisão, nas muito populares novelas da TV Globo, a maior cadeia de televisão do país.

Para compreendermos essa situação, podemos citar Lúcio Costa, o urbanista de Brasília, que fez o Plano Diretor da Barra da Tijuca, o lugar mais privilegiado do Rio, que dividiu a cidade estabelecendo a configuração ao lado:



Esboço da cidade do Rio de Janeiro, tem-se aqui a situação das classes sociais.
 A classe "A" e o Centro criado por Costa, na área central da figura. A classe "B" e o centro velho do Rio, à direita.
 Os subúrbios das classes "C" e "D", com a localização do atual distrito industrial da cidade à esquerda.
 As montanhas da Tijuca e Pedra Branca, em pontilhado, separam as classes e configuram a espacialidade da cidade.

Seu novo centro não foi construído até hoje, mas a configuração espacial prevista por Costa foi implantada. Esse plano não consegue abolir o velho centro histórico do Rio, como era seu desejo, porque sua força de identidade foi reforçada pela Prefeitura com novos projetos de organização do território posteriores ao plano de Costa. Além do mais, a implantação de todas as idéias do mestre urbanista acarretariam um custo muitíssimo elevado, acima daquilo que os governos poderiam comportar na época.

Então, os mais pobres ficam longe do mar, dos serviços e do lazer oferecidos pela cidade. Aliás, a pressão política das camadas sociais mais elevadas foi extremamente forte, porque desejavam sempre atrair para elas as novas ofertas de consumo da cidade.

No que concerne à segurança, a situação tem fortes similaridades entre Rio e as cidades da França. As forças policiais não podem atender à todos, porque elas estão presentes somente em certos lugares. Assim, a cidade possui muitos lugares de não direitos, onde a segurança dos cidadãos não é garantida. É por isso que, principalmente na Barra da Tijuca, a segurança foi tomada em mãos pelos próprios proprietários. Os imóveis tornam-se fortalezas anti-roubos, onde as pessoas sentem-se, enfim, "livres" dos ladrões, apesar do fato de morarem perto da maior favela do Rio, a Rocinha.

A análise comparada dos bairros em crise na Europa mostra que a forma urbana (centro antigo, *habitat* com casas individuais, grandes conjuntos) é secundária: ela não produz a pobreza, mas acolhe-a e, muitas vezes, acumula-a.

As populações desfavorecidas são conduzidas a esses bairros que associam diversos elementos: *habitat* inconfortável, imagem desvalorizada, aluguel baixo, imóveis sociais para os mais desfavorecidos, presença de populações em dificuldades etc. As políticas de reabilitação dos alojamentos e do quadro de vida são indispensáveis para manifestar aos moradores a consideração e reconhecimento da sua dignidade. Elas não conseguem romper o ciclo do pauperismo, do acúmulo de problemas, da ruptura das ligações sociais. Assim,

7% da população urbana francesa, vivem dentro de 500 bairros que apresentam

¹⁵ MATHIEU, J.-L. opus cit, (p. 45-46).

¹⁶ IHESI. opus cit, (p. 134).

¹⁷ IHESI. opus cit, (p. 162).

sensíveis diferenças com relação ao resto do país. Esses bairros podem tornar-se o terceiro mundo da sociedade francesa. Trata-se de uma pobreza relativa, que se diferencia do resto da cidade, em matéria de consumo, de atividades, de lazer, de acesso aos serviços públicos, de proteção das pessoas e dos bens.¹⁵

Não obstante, segundo o IHESI¹⁶, é o tipo de destinação dos espaços que vai permitir classificar e avaliar as incivildades. Elas correspondem àquelas que se situam, principalmente, nos bairros mais desfavorecidos, nos transportes públicos, nos espaços e equipamentos públicos, nas escolas e nos centros comerciais.

Podemos distinguir dois tipos de incivildades: aquelas ligadas ao caráter coletivo das zonas de urbanismo social, particularmente sobre os espaços semi-públicos, muitas vezes poucos apropriados, e mal definidos, e, de outra parte, as incivildades "residenciais" feitas pelos habitantes sobre seu próprio nível de vida.

Nos transportes públicos podemos distinguir três tipos de "inter-passagens": as incivildades provocadas por grupos ou por pessoas pedindo esmolas; as incivildades contra o pessoal (motoristas ou fiscais) e as agressões aos bens ou às infra-estruturas. O exame ou a análise dos relatórios estabelecidos pelos agentes de transportes, sobre as queixas dos usuários, pode ser um instrumento eficaz para situar no tempo e no espaço esses atos.

Nas ruas, espaços e edifícios públicos, cometem-se certas infrações particularmente incômodas para a comunidade, como o barulho das empresas industriais ou comerciais não conformes às regras e códigos estabelecidos, depósitos de lixo, jogos perigosos, mendicidade agressiva, vagabundagem, degradações, grafites, provocações físicas ou verbais. Essas diferentes incivildades nem sempre são percebidas como tais pelos seus autores.

De fato, bairros de habitação popular não devem mais ser territórios urbanos fechados sobre eles mesmos, mas bairros da cidade como os outros, que devem entrar na gestão ordinária do município (conservação, limpeza, funcionamento dos equipamentos técnicos, conserto das ruas, iluminação, etc...) e beneficiar da mesma forma que os outros, com a presença dos serviços públicos. Os serviços urbanos, nesses bairros sensíveis exigem uma gestão reforçada porque a integração desses bairros à cidade, e do seus habitantes à sociedade, passam por "uma obrigação de equidade" em relação aos outros bairros.

Os centros comerciais, que ficam situados freqüentemente nas periferias das cidades, passaram a ser lugares de consumo e de lazer e, assim, se tornaram também, lugares de um novo tipo de socialização, particularmente para as populações mais jovens. Embora tendo um ambiente elaborado para gerar conforto e segurança, onde existe toda uma parafernália (mecânica e física), que visa mostrar essa conotação de local seguro, os modos de ocupação desses espaços podem gerar, por vezes, dinâmicas de confronto, de provocação e de roubos. A regulação desse tipo de comportamento é muito difícil quando eles surgem de elementos desconhecidos, estranhos ao bairro, vindos pelos transportes comunitários.

No meio escolar acha-se a lista das incivildades mais ordinárias, com várias especificidades, como as pressões sobre os bons alunos, a humilhação de certos docentes, etc.

Segundo o IHESI¹⁷, as soluções trazidas passam pela melhoria da qualidade de vida nesses lugares, assim como pela requalificação urbana e a reabilitação patrimonial do quadro construído, e por operações de reestruturação/demolição das reabilitações do ambiente, dos programas de alojamentos diversificados, das modificações das circulações e dos estacionamentos.

Essas soluções passam também por modificações de segurança (renovação e proteção das entradas, privatização dos lugares subterrâneos), a criação ou transformação dos escritórios de recepção e de gestão, das portarias etc., ou seja, ela passa pela avaliação dos equipamentos feita com a verificação dos elementos seguintes :

- Os equipamentos público: elementos de vulnerabilidade e de proteção;

- A tomada em conta da segurança nas políticas de urbanismo;
- A análise dos fluxos no que concerne à segurança, análise dos espaços públicos sensíveis;
- O *habitat* social: percentual de prédios e de unidades residenciais vazias, a mobilidade espacial dos habitantes do local, a política de organização e de gestão do território adotada pelo município;
- A análise de alguns aspectos técnicos, tais como :

a) as instalações fixas

- Efetuar o levantamento dos meios de proteção e de vigilância dedicados à segurança das pessoas;
- A proteção das zonas de garagem dos trens e ônibus: levantamento dos meios dedicados à proteção passiva;
- A proteção (eventualmente) dos diferentes lugares administrativos, meios dedicados à segurança do lugar: câmeras, alarmes, uso de certos elementos da domótica.

b) o material circulante:

O levantamento dos aparelhos de segurança existentes e fixos, a localização dos elementos móveis, dos interfones, dos alarmes, das cabines anti-agressão, das cabines de controle dos vídeos etc.

Maior que qualquer controle físico, é o exercido pelas próprias pessoas que têm propiciado resultados mais interessantes. Ele é fruto de um reconhecimento do valor do espaço e das atividades sociais nele exercidas, do sentimento de pertencimento a uma comunidade e da interação social entre as pessoas que a compõem que, enfim, unidas, passam a exercer os seus direitos de cidadãos e a reivindicar as tão necessárias melhorias na qualidade da vida nas cidades.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCIS, M. *Control as a dimension of public-space quality*, p. 147-172.
- FREY, J.-P. Esthétique de l'habitat et différenciation sociale. In: *Lieux Communs* - Les cahiers du LAUA, n. 5, École d'Architecture de Nantes, 1999, p. 21-54.
- GHIRARDO, D. *Les architectures postmodernes*. Paris, Thomas & Hudson, 1997.
- IHESI. *Guide pratique pour les contrats locaux de sécurité*. Paris, Ed. de La Documentation Française, 1998.
- La Sciences des sens: le goût, l'odorat, l'ouïe, la vue, le toucher. In: *Découverte*. Revue du Palais de la Découverte, n. 275, février 2000, pp. 18/53.
- LE DOUSSAL, R. A l'hôpital: anti-malveillance et technologies. In *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure - Les technologies de la Sécurité*, n. 21, Paris, Ed. IHESI, 3 trimestre 1995, p. 75-87.
- Les relations de voisinages. Paris, Ed. des Journaux Officiels, sep. 2000.
- MARTINS, A.M.M. *Les possibilités de l'utilisation de la Prévention Situationnelle: du cadre de vie au cadre touristique*. Relatório de Pesquisa de Bolsa de Pós-doutorado, CNPq, 2001, 60 p.p
- MARTINS, A.M.M. *O plano piloto de Lucio Costa para a Baixada de Jacarepagua: uma revisão crítica*. Rio de Janeiro, NEPPA - FAU/UFRJ, 1983.
- MARX, G. Technologies de sécurité et société. In: *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure- Les technologies de la Sécurité*, n. 21, Paris, Ed. IHESI, 3 trimestre 1995, p. 9-16.
- MATHIEU, J.-L. *L'insécurité*. Paris, PUF, Collections Que sais-je?, 1995.

- MIDOL, A. Le recours à la technologie dans la sécurité privée. In *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure - Les technologies de la Sécurité*, n. 21, Paris, Ed. IHESI, 3 trimestre 1995, p. 43-52.
- MINISTERE DE L'INTERIEUR. *Le guide pratique de la police de proximité*. Paris, Ed. de La Documentation Française, 2000.
- MOCH, A. *Les stress de l'environnement*. De la perception au stress. Paris, PUV, 1989.
- MOLES, A et ROHMER, E. *Psychosociologie de l'espace*. Paris, L'Harmattan, 1998.
- NEWMAN, O. *Defensible Space*, NY, MacMillan, 1973.
- OCQUETEAU, F. et POTIER, M-L. Gestion de l'ordre dans les centres commerciaux. In: *Urbanisme*, n 286, janvier/février 1996, p. 83-85.
- OCQUETEAU, F. et POTTIER, M-L. Vidéosurveillance et gestion de la insécurité dans un centre commercial: les leçons de l'observation. In: *Les Cahiers de la Sécurité Intérieure - Les technologies de la Sécurité*, n 21, Paris, Ed. IHESI, 3 trimestre 1995, p. 60-74.
- PERALVA, A. Démocratie et violence: le cas de Rio de Janeiro. In: *Problèmes d'Amérique Latine*, n 23, oct-déc1996.
- VIEILLARD-BARON, H. Quartiers "sensibles" et politique de la ville: bilan d'une recherche. In: *L'Espace géographique*, n 3, 2000, p. 237-254.
- WILSON-DOENGES, G. An exploration of sense of community and fear of crime in gated communities. In: *Environment and Behavior*, vol. 32, n 5, sept. 2000. pp 597-611.